

# Semiolinguística: da teoria às práticas de ensino de leitura de notícias e reportagens

## Semiolinguistics: from theory to teaching practice of reading news and reports

João Benvindo de Moura\*  
Antonio Aílton Ferreira de Cerqueira\*\*

### RESUMO

Este artigo é um recorte de uma pesquisa mais ampla sobre o ensino de leitura de notícias e reportagens, com base na Teoria Semiolinguística do Discurso, tendo como objetivo geral relacionar noções básicas dessa abordagem teórica com o ensino de leitura de notícias e reportagens. Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa tem uma natureza bibliográfica e aplicada, com ênfase, inicialmente, em dois conceitos básicos: o de processo de semiotização do mundo e o de ato de linguagem. Em seguida, apresenta-se um resumo das proposições de Charaudeau sobre compreensão e interpretação, com destaque para as distinções entre sentido de língua e sentido de discurso. Após essas duas seções teóricas, com a intenção de contribuir para futuras discussões sobre a inter-relação entre a semiolinguística e o ensino de leitura de textos jornalístico-midiáticos, apresentamos algumas recomendações direcionadas a docentes da área de Língua Portuguesa, com atuação no Ensino Médio, em especial.

**PALAVRAS-CHAVE:** Discurso; Semiolinguística; Leitura; Ensino.

Recebido em 21 de setembro de 2021.

Aceito em 18 de dezembro de 2022.

DOI: <https://doi.org/10.18364/rc.2023n64.538>

\*Universidade Federal do Piauí, [jbenvindo@ufpi.edu.br](mailto:jbenvindo@ufpi.edu.br)

<https://orcid.org/0000-0002-6885-100X>

\*\*Universidade Federal do Piauí, [ailton.cerqueira@gmail.com](mailto:ailton.cerqueira@gmail.com)

<https://orcid.org/0000-0002-4935-071X>

## ABSTRACT

This article is an excerpt from an ampler research on reading instruction of news and reports. The study is based on semiolinguistic discourse theory with the general aim of connecting the basic concepts of this theoretical approach to the teaching of reading news and reports. As for the methodology, this study is bibliographic and applied in nature, focusing first on two basic concepts: the semiotization process of the world and the speech act. Then, a summary of Charaudeau's theses on understanding and interpretation is presented, focusing on the distinction between the sense of language and the sense of discourse. After these two theoretical sections, we present some recommendations aimed at teachers of Portuguese working in secondary education, with the intention of contributing to future discussions on the interrelation between semiolinguistics and the teaching of reading media-journalistic texts.

KEYWORDS: Discourse; Semiolinguistics; Reading; Teaching.

## Introdução

Este artigo é um recorte de uma pesquisa, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal do Piauí (UFPI), sobre o ensino de leitura de notícias e reportagens, com base na Teoria Semiolinguística do Discurso.

A principal justificativa para o desenvolvimento dessa pesquisa mais ampla são os resultados dos estudantes brasileiros em avaliações internas e externas. No Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), o Brasil está estagnado há dez anos no nível básico de leitura e compreensão de textos. De acordo com os dados mais recentes, divulgados pelo Ministério da Educação em 2019, a pontuação dos estudantes brasileiros chegou a 413 pontos. Em 2000, a pontuação do Brasil nas habilidades de leitura era de 396 pontos e, em 2009, era de 412 (BRASIL, 2019). Outro fato também preocupante é que, de acordo com os dados mais atuais do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb), divulgados pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), em agosto de 2018, sete de cada dez alunos do 3º ano do ensino médio têm nível insuficiente em português e matemática. Entre os estudantes dessa etapa de ensino, menos

de 4% têm conhecimento adequado nas duas disciplinas. Os números do Saeb também revelam que, em língua portuguesa, a maioria dos estudantes brasileiros não é capaz, por exemplo, de localizar informações explícitas em infográficos, reportagens, crônicas e artigos; identificar a finalidade e a informação principal em notícias; reconhecer ideia comum e opiniões divergentes sobre o mesmo tema na comparação entre diferentes textos; diferenciar fato de opinião em contos, artigos e reportagens (BRASIL, 2018).

Com a intenção de modificar esse cenário, diversas produções acadêmicas em Análise de Discurso (AD) aplicadas ao ensino de Língua Portuguesa – como Voese (2004), Cardoso (2005) e Ramalho (2012) – têm mostrado como a linguagem, trabalhada de um ponto de vista social e histórico, pode contribuir para que os educadores e, posteriormente, os estudantes se tornem cada vez mais capazes de interpretar textos que circulam socialmente, em variadas situações discursivas.

Priorizamos, aqui e na pesquisa do Doutorado, entretanto, a abordagem da Teoria Semiolinguística do Discurso, proposta pelo linguista francês Patrick Charaudeau, a partir do início da década de 1980, em virtude do fato de que essa perspectiva de AD tem um aparato teórico-metodológico capaz de abarcar algumas especificidades dos gêneros textuais que compõem o campo jornalístico-midiático, especialmente os gêneros notícia e reportagem, corpus dessa investigação.

A escolha por gêneros informativos se justifica a partir de trabalhos como o de Santos e Nascimento (2017), que mostra como esses dois gêneros estão entre os mais presentes nas questões do Exame Nacional do Ensino Médio e em outras avaliações em larga escala, aplicadas no Brasil.

Além disso, a Semiolinguística, por privilegiar a relação entre a língua e o contexto psicossocial no qual o discurso se realiza, ajuda a compreender como o ser humano tem acesso a informações, partilha visões de mundo, produz conhecimento e interage com outros seres em diversas situações discursivas.

Neste artigo, apresentamos, uma exploração aérea de um território específico: a leitura, buscando delimitar algumas especificidades dessa abordagem de Análise de Discurso em relação ao ato de ler. Assim como fez Charaudeau (2016) em relação ao campo da linguagem, não se pretende fazer uma exploração histórica ou exegetica do tema leitura, pois isso estaria além dos horizontes propostos por essa pesquisa. Como objetivo geral deste artigo, procuramos estabelecer relações entre noções básicas da Teoria Semiolinguística do Discurso e o ensino de leitura de notícias e reportagens; de forma mais específica, busca-se identificar como esse referencial teórico-analítico tem potencial para favorecer práticas pedagógicas relacionadas à leitura, além de analisar o que significa compreender e interpretar esses dois gêneros jornalísticos, de acordo com essa abordagem.

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa, quanto aos meios, caracteriza-se como bibliográfica, visto que faz um levantamento das principais publicações (livros, artigos e entrevistas) de Charaudeau relacionadas aos temas interpretação e compreensão, disponíveis em meios escritos e/ou eletrônicos, além de produções acadêmicas de pesquisadores brasileiros. Como mostram Pauliukonis e Gouvêa (2012, p. 51), no Brasil, pesquisadores de diferentes instituições “mantêm pesquisas em cooperação científica com Charaudeau e utilizam essa perspectiva teórica para fundamentar seus estudos, por entenderem que corresponde a uma proposta de trabalho consistente e integradora de diferentes domínios do estudo da linguagem e propõem questionamentos acerca de aspectos internos e externos aos vários gêneros de textos”. Dentro do conjunto de trabalhos acadêmicos direcionados a essa associação entre Semiolinguística, leitura e educação, destacaremos, neste artigo, algumas ideias disponíveis em produções do Núcleo de Estudos da Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso da Universidade Federal Fluminense como Feres (2011), e as coletâneas de Monnerat, Feres e Ribeiro (2017); Feres e Monnerat (2017); e Xavier, Rebello e Monnerat (2021).

Quanto aos fins, este trabalho é classificado como uma pesquisa aplicada, por procurar estimular o desenvolvimento de práticas pedagógicas

que favoreçam a melhoria dos indicadores de leitura de estudantes do Ensino Médio, por exemplo (CERVO; BERVIAN; SILVA, 2006) Diante dos atuais indicadores de proficiência de leitura dos estudantes brasileiros, é necessária uma mudança de abordagem, no ensino de Língua Portuguesa, com maior valorização de uma perspectiva discursiva, a fim de que se entenda a linguagem como um modo de produção social, envolvendo interlocutores e contexto, e que se entenda a sala de aula como um lugar privilegiado para essa produção.

## 1. A Teoria Semiolinguística: alguns conceitos básicos

A Teoria Semiolinguística do Discurso é uma vertente dos estudos na área da Análise de Discurso. Os princípios fundadores dessa teoria dialogam com distintas concepções de autores como Émile Benveniste, Roland Barthes, Julius Greimas, assim como de outros teóricos como John Austin, Paul Grice e John Searle, além de Mikhail Bakhtin.

Devido a isso, essa teoria estabelece vínculos com outras áreas do conhecimento que têm o discurso como matéria-prima de estudos como a Pragmática, a Psicologia Social, e a Retórica, por exemplo. E, segundo Charaudeau, entrevistado por Pauliukonius (2020), esse ponto de vista interdisciplinar, no cruzamento de várias disciplinas, faz com que a Semiolinguística tenha uma dimensão mais comunicacional/interacional, diferentemente de outras abordagens.

O nome Semiolinguística, segundo o autor, é uma junção do radical “*semio*” que evoca o fato de que a construção do sentido e sua configuração são feitos através de uma relação forma-sentido (em diferentes sistemas semiológicos), sob a responsabilidade de um sujeito que age a partir de um projeto de influência social; e do radical “*linguística*” para destacar que a matéria principal da forma em questão é a das línguas naturais. Nas palavras de Charaudeau (2016, p.21):

(...) uma análise semiolinguística do discurso é semiótica pelo fato de que se interessa por um objeto que só se constitui em uma intertextualidade (...). Diremos também que uma análise semiolinguística do discurso é linguística pelo fato que o instrumento que utiliza para interrogar esse objeto é construído ao fim de um trabalho de conceituação estrutural dos fatos linguageiros.

Assim, observa-se, na proposta da Teoria Semiolinguística, uma coalisão de duas concepções distintas: uma que se interessa por do que nos fala a linguagem; e outra que se interessa por como nos fala a linguagem.

Começando a detalhar os conceitos fundamentais da Semiolinguística para esta pesquisa, iniciamos pelo chamado processo de semiotização do mundo, segundo o qual um sujeito (com um projeto de influência social) se apropria da língua, com suas estruturas e seus sentidos, para utilizá-la no discurso, em um quadro de ação. De forma mais específica, Charaudeau (2005, 2016) destaca que, para realização desse processo, são necessárias duas ações: a transformação (na qual, sob a ação de um sujeito falante, um “mundo a significar” é transformado em um “mundo significado”) e a transação (na qual o “mundo significado” torna-se um objeto de troca com um outro sujeito que desempenha o papel de destinatário do objeto criado pelo sujeito falante, no processo de transformação).

O processo de transformação, que consiste em converter “um mundo a ser significado” em “um mundo significado”, compreende quatro tipos de operação, apresentadas a seguir: identificação (transformação dos seres do mundo em identidades nominais), qualificação (transformação dos seres do mundo em identidades descritivas), ação (transformação dos seres do mundo em identidades narrativas) e causalção (transformação da sucessão dos fatos do mundo em relações de causalidade).

Numa notícia de jornal com o título “Empresas aéreas anunciam cancelamento de 70% dos voos por causa da pandemia de covid-19”, a identificação é feita pelo uso das expressões “empresas”, “cancelamento”, “voo”, “pandemia”; a qualificação está presente com o uso de termos

como “aéreas”, “70%” “de covid-19”, além dos artigos definidos; a ação está expressa com o uso do verbo “anunciam”; e a causação acontece com o uso de “por causa da pandemia de covid-19”.

Já o processo de transação, que consiste em transportar esse “mundo significado” para outro(s) sujeito(s), se realiza de acordo com quatro princípios:

- a) alteridade: de natureza contratual, esse princípio diz que todo ato de linguagem estabelece uma troca entre os parceiros: um sujeito deve reconhecer o outro como alguém com quem partilha semelhanças – universos de referência e finalidades - e diferenças – cada um desempenha um papel único no fenômeno, de sujeito emissor e sujeito receptor.
- b) pertinência: outro princípio de natureza contratual, todo ato de linguagem é constituído por um universo de referência comum, saberes os quais devem ser partilhados de maneira apropriada ao contexto e à finalidade da troca apresentada no princípio anterior.
- c) influência: princípio que evidencia o fato de o sujeito-receptor saber que, na troca realizada em um ato de linguagem, é alvo de um sujeito-emissor que tenta fazê-lo agir, modificando suas emoções ou orientando seu pensamento.
- d) regulação: ligada ao princípio anterior, ela é o princípio que assegura uma intercompreensão mínima entre os sujeitos, orienta o jogo de influências e de contrainfluências existente no ato de linguagem, permite aos sujeitos protagonistas a efetividade das trocas, garantindo que o ato prossiga e chegue a uma conclusão.

Ampliando essa concepção teórica, Charaudeau (2005, 2016) destaca a existência de duas inter-relações que se articulam ao mesmo tempo uma sobre a outra, as quais explicam o funcionamento do que o autor chama de ato de linguagem. São elas:

- a) a inter-relação entre dois espaços de produção de sentido (um externo, um espaço de restrições, que compreende as condições mínimas às quais é necessário atender para que o ato seja válido; e um interno, um espaço de estratégias, que corresponde às escolhas possíveis à disposição dos sujeitos na *mise-en-scène* do ato de linguagem).

b) a inter-relação ente dois espaços enunciativos (o de produção e o de interpretação), nos quais há dois tipos de sujeitos: (1) os interlocutores, sujeitos de ação, seres sociais, chamados de sujeito comunicante e sujeito interpretante; e (2) os intra-locutores, os sujeitos de fala, responsáveis pelo ato de enunciação, chamados de sujeito enunciador e sujeito destinatário.

Para Charaudeau (2008), todo ato de linguagem resulta, assim, de um jogo entre uma instância situacional e uma discursiva, realizando-se no ponto de encontro dos processos de produção e de interpretação, como ilustrado na seguinte figura:

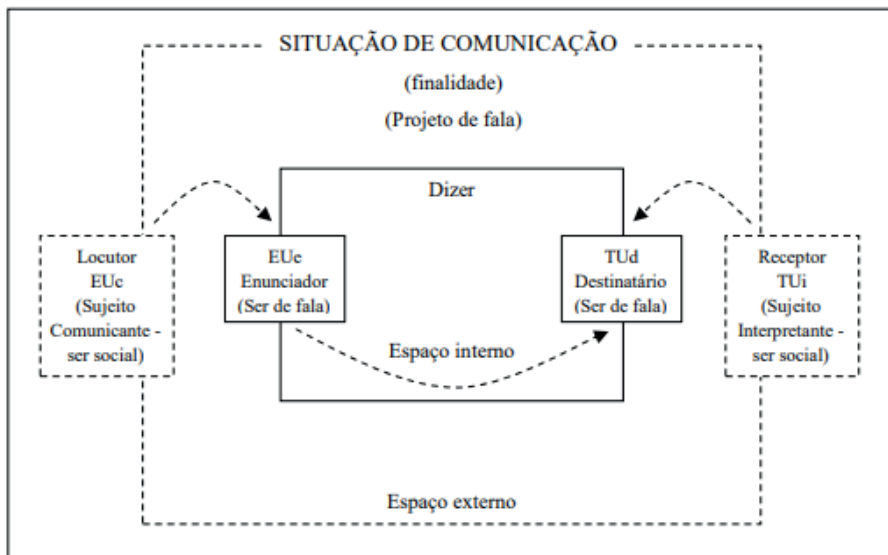


Figura 1: Ato de linguagem Fonte: Charaudeau (2016, p. 52)

Observando a figura 1, percebemos que o espaço externo é o do fazer psicossocial, que reúne os dois seres sociais: o sujeito comunicador (EUC) e o sujeito interpretante (TUI); e o espaço interno (circuito do dizer, da fala



configurada), o da organização discursiva, onde existem dois outros seres: um sujeito enunciador (EUE) e um sujeito destinatário (TUd), os quais montam suas estratégias de encenação.

Na abordagem semiolinguística, não há somente um emissor e um receptor, como apresenta o modelo de processo de comunicação proposto por Roman Jakobson. Charaudeau (1996, 1999 e 2001) afirma que, na instância da produção, há dois sujeitos: um comunicante e um enunciador, o qual é uma imagem de enunciador construída pelo produtor da fala (EUc) e representa seu traço de intencionalidade. Da mesma forma, na instância da recepção, há dois outros sujeitos: um destinatário - ser de fala que é instituído pelo sujeito comunicante - e um interpretante - um ser social, que institui a si próprio e é responsável pelo ato de interpretação que produz.

Charaudeau (2016) defende também a ideia de que esse sujeito comunicante (EUc) está sempre no lugar e no espaço de testemunha do real. Por estar localizado na esfera externa do ato de linguagem, o EUc é o grande responsável por sua organização. É o iniciador-responsável pelo ato de produção e é a relação EUc-EUE que produz um certo efeito pragmático sobre o TUi.

## **2. A abordagem semiolinguística sobre texto, compreensão e interpretação**

Vimos, no tópico anterior, que o ato de linguagem produz significados em função da combinação de uma situação de comunicação em que ele é produzido, da identidade e da intencionalidade dos quatro sujeitos interagentes, de seu propósito e das circunstâncias materiais de sua produção.

Agora, diante do exposto e dos objetivos deste artigo, é preciso responder: o que é um texto? Eis uma resposta:

Toda produção de linguagem configurada de modo verbal, icônico ou por qualquer outro sistema semiológico signifiante: ele é o resultado do ato de linguagem em sua manifestação semiológica, seja aberto ou

fechado, oral ou escrito, longo ou curto, contínuo como em uma produção escrita ou fragmentada como em uma sequência de turnos, como numa conversação. (CHARAUDEAU, 2010, p. 6)

Nessa definição, observa-se que um texto é o resultado do ato de linguagem; pode-se, então, afirmar, por extensão, que notícias e reportagens são construções da instância do dizer, frutos do de semiotização do mundo. Resultam de um jogo entre o implícito e o explícito, nascem de circunstâncias de discurso específicas e se realizam no ponto de encontro dos processos de produção e de interpretação.

Nos diferentes gêneros jornalísticos (informativos ou argumentativos), é possível identificar como cada um dos parceiros do ato de linguagem cumpre um papel que lhe é próprio: o enunciador se encontra diante de um mundo a significar e se dirige a um destinatário por meio de um gênero textual, por exemplo. Há, também, um sujeito comunicante, relativo à instância de produção midiática, e um sujeito interpretante, relativo à instância de recepção midiática: o jornalista, por exemplo, ao escrever uma notícia, torna-se, então, produtor de um sentido, ou de forma mais precisa um “colocador em cena de um sentido”: ele é o sujeito comunicante. No outro extremo desse processo, qualquer pessoa que entre em contato com essa notícia é um sujeito que tem de reconhecer um mundo já significado e necessita decodificá-lo por meio de um novo ato interpretativo; isso faz com que esse leitor assuma a condição de sujeito interpretante.

O EUc, para se comunicar, produz textos orais e/ou escritos, com apoio de gestos, desenhos ou outros códigos verbais e não verbais que achar conveniente em função dos efeitos que visa provocar em seus interlocutores. O texto constitui, portanto, uma configuração significativa, em que, de um lado, está repleto das condições de realização/produção do processo, do outro, está pleno do projeto de fala do enunciador e deve ser reconhecido pelo interlocutor interpretante.

## 2.1 Compreensão e interpretação

A temática da compreensão e a da interpretação estão presentes em diversas pesquisas de natureza semiolinguística, especialmente em dois estudos publicados por Charaudeau: um de 1994, intitulado “*Les conditions de compréhension du sens du discours*”, e outro publicado em 2018, com o título “*Compréhension et interprétation. Interrogations autour de deux modes d’appréhension du sens dans les sciences du langage*”. Segundo o próprio autor, em entrevista a Pauliukonis (2020), os dois artigos são complementares, mas o mais recente aprofunda e detalha o mecanismo da construção do sentido em um processo de interação comunicacional.

Com base em um levantamento do que foi registrado em dicionários sobre os verbos interpretar e compreender e por meio de um percurso histórico da investigação hermenêutica proposta por filósofos como Friedrich Nietzsche, Friedrich Schleiermacher, Paul Ricoeur e Jacques Derrida, Charaudeau (2018) faz novas considerações a respeito desses dois modos de apreensão do sentido nas ciências da linguagem: ele defende a tese de que o ato de compreender é um movimento de apreensão global do sentido, consequência de diversas operações realizadas no ato de interpretação.

Em linhas gerais, pode-se dizer que, na Teoria Semiolinguística de Análise do Discurso, interpretação e compreensão são dois fenômenos distintos, complementares e indissociáveis, os quais estão ligados a uma dimensão explícita e a uma implícita do ato de linguagem, estão ligados também ao sentido de língua e o sentido de discurso.

O sentido de língua refere-se ao explícito, às atividades estruturais da linguagem, que constroem uma visão simbolizada referencial do mundo. Esse sentido, conforme Charaudeau (2016), exige a realização de “operações de comutação que estabelecem relações de oposição (paradigmas), e de combinação (sintagmas) entre os signos” (p. 24). Essas operações resultam da formação de paráfrases estruturais, as quais permitem que se efetue na linguagem “um jogo de reconhecimento morfossemântico construtor

do sentido, que remete à realidade que nos rodeia, conceituando-a” (p. 25). Assim, nessa dimensão, o movimento de estruturação de sentido é endocêntrico, o signo é movido por uma força centrípeta, age de acordo com uma sistematicidade intralinguística, baseada no sistema. Esse processo que termina no reconhecimento do sentido de língua é o que se pode chamar de compreensão do sentido literal. Ela independe da enunciação, é um primeiro nível de reconhecimento dos sentidos, e está relacionada à atuação do sujeito interpretante em buscar decodificar o texto que lhe é endereçado e buscar reconhecer o “mundo já significado” pelo sujeito comunicante.

Por outro lado, o sentido de discurso refere-se ao implícito, está ligado aos implícitos advindos também de relações com sequências portadoras de outros sentidos de língua, contidos no cotexto. Na abordagem semiolinguística, esse sentido é construído por um movimento exocêntrico, ou seja, movido por uma força centrífuga que relaciona os signos presentes no texto com outros que se acham registrados na memória de experiência do sujeito, numa relação de semiose. Esse segundo nível é o da compreensão do sentido específico, é obtido ao final de uma atividade interpretativa que se dá através de um processo duplo (discursivo e situacional), relacionado às circunstâncias de produção, mais especificamente no que diz respeito à intencionalidade do sujeito falante. Nessa instância, são realizadas paráfrases seriais, as quais estão ligadas a “um jogo de remissões constantes a alguma coisa além do enunciado explícito, que se encontra antes e depois do ato de proferição da fala” (CHARAUDEAU, 2016, p. 25).

A leitura de um texto envolve uma rede de relações entre o ponto de vista linguístico, a escolha lexical, a estrutura e a organização das frases, a adequação na representação linguística de referentes e a intenção argumentativa dos enunciadores, detectada nos operadores linguístico-discursivos.

Ao proceder a leitura de um texto jornalístico, um leitor (ou um estudante que está respondendo a uma questão de prova ou de vestibular, por exemplo) constrói sentidos em função dos discursos que fazem parte

de seu repertório. A interpretação é uma tentativa de reconstituição do processo de transação (instância do já detalhado processo de semiotização do mundo), é uma instância de produção de inferências que possibilitam (re) construir a problematização do sentido de discurso que se encontra no mundo significado pelo sujeito comunicante. Assim como Charaudeau (2016) define o ato de linguagem, do ponto de vista da produção, como uma expedição e uma aventura<sup>1</sup>, a instância da recepção também pode ser assim metaforizada, visto que um leitor investiga os contratos e as estratégias mobilizados pelo sujeito comunicante em relação ao sentido das palavras e às suas regras de combinação, tentando reconstruir um caminho que corresponda à intencionalidade desse mesmo sujeito.

Dessa forma, a relação entre o sujeito comunicante e o sujeito interpretante está relacionada com a compreensão, a interpretação e, ainda, com um outro conceito: o de intercompreensão, que consiste no grau de recuperação entre o sentido do discurso projetado pelo sujeito comunicante e o construído pelo sujeito interpretante.

Assim, se é fato que entender os sentidos de um texto significa ir além dos aspectos linguísticos e chegar aos discursivos, também é fato que um texto pode ter sentidos diferentes, dependendo do sujeito leitor. O sentido de língua pode até ser o mesmo para qualquer leitor, mas o de discurso dependerá do repertório dos sujeitos que fazem parte da situação comunicativa, podendo ser validado ou não. Dito de outra forma: o sentido atribuído pelo sujeito comunicante ao texto pode ser entendido ou não pelo sujeito interpretante;

---

1 Charaudeau (2016) associa o ato de linguagem, do ponto de vista da produção, a uma expedição por causa do seu aspecto intencional, há sempre um projeto global de comunicação concebido pelo sujeito comunicante. Da mesma forma, esse mesmo ato também tem o caráter de aventura por estar inscrito no campo do imprevisível: o sujeito comunicante, por exemplo, nem sempre é capaz de dominar seu próprio inconsciente e deixa transparecer evidências que não fazem parte do projeto elaborado para um ato de linguagem específico.

este, por sua vez, pode ter uma interpretação diferente daquela pretendida pelo sujeito comunicante.

Charaudeau (2016), por fim, afirma que há uma impossibilidade de se obter a compreensão e a interpretação de um texto em sua totalidade, pois comunicar é estabelecer um projeto de fala, mas, ao mesmo tempo, isso é arriscar-se; é obter a compreensão ou a incompreensão, a aceitação ou a negação. De forma semelhante, a partir da obra *Os limites da interpretação*, de Umberto Eco, Fiorin (2004, p.113) nos lembra que um texto e suas condições de produção impõem restrições interpretativas ao leitor e que existem fazeres interpretativos inaceitáveis: “um texto pode admitir várias interpretações, mas não todas. São inaceitáveis as leituras que não estiverem de acordo com os traços de significado reiterados, repetidos, recorrentes ao longo do texto”. A compreensão e a interpretação estão, nessa perspectiva, efetivamente interligadas ao texto, aos intertextos que ele aciona e ao contexto em que está inserido.

### **3. A Semiolinguística e o ensino de leitura de notícias e reportagens**

A Semiolinguística tem um potencial metodológico-pedagógico para o ensino de língua portuguesa como ilustram as pesquisas desenvolvidas por Feres (2011, 2014), Viegas (2009, 2013 e 2016) e, mais recentemente, por Xavier, Rebello e Monnerat (2021) sobre práticas de leitura nas aulas de Língua Portuguesa no ciclo básico de ensino. Certamente, uma das áreas mais frequentes de aplicação da abordagem semiolinguística é a relacionada ao discurso das mídias, pois, como afirma o próprio Charaudeau (2018), esse tipo de discurso possui um contrato comunicacional bem específico e constitui uma atividade de linguagem capaz de estabelecer, nas sociedades, o vínculo social e circula devido à ação das empresas de mídia ou de pessoas que gerenciam meios de comunicação digital, por exemplo.

Nessa perspectiva, é necessário acrescentar que, em relação à dimensão social da mídia, o pensamento de Charaudeau também dialoga com as pesquisas desenvolvidas por Pierre Bourdieu, filósofo francês autor com influência nos estudos sobre educação, cultura e mídia, por exemplo. Enquanto o linguista diz que “o discurso de informação é uma atividade de linguagem que permite que se estabeleça nas sociedades o vínculo social sem o qual não haveria reconhecimento identitário” (CHARAUDEAU, 2008, p. 12); o filósofo afirma: “quem controla a mídia exerce uma forma raríssima de dominação: tem o poder sobre os meios de se exprimir publicamente, de existir publicamente, de ser conhecido, de ter acesso à notoriedade pública” (BOURDIEU, 1997, p. 66).

Ambos os autores compartilham da crença de que os meios de comunicação desempenham, nas sociedades atuais, um papel de estruturação da vida coletiva. A mídia, dessa forma, age como uma instância mediadora das relações entre os diversos campos sociais (terminologia utilizada por Bourdieu) e utiliza estratégias bem definidas para dar visibilidade e reforço às demais instituições. Dito de outra forma: jornais, emissoras de rádio e televisão, portais noticiosos, por exemplo, regulam o acesso dos cidadãos e também de outros produtores culturais, cientistas, artistas, escritores, ao que se chama de espaço público: todo discurso, toda ação, para ter acesso ao debate público, deve se submeter à ação dos meios de comunicação, à prova da filtragem jornalística.

Cabe, assim, em primeiro lugar, ao professor, diante da prática de ensino de leitura de textos jornalístico-midiáticos, mostrar a estudantes que jornalismo e publicidade funcionam segundo duas lógicas: a econômica e a simbólica. A primeira “faz com que todo organismo de informação aja como uma empresa, tendo por finalidade fabricar um produto que se define pelo lugar que ocupa no mercado de troca dos bens de consumo”; a segunda “faz com que todo veículo informativo ou as agências de publicidade tenham por vocação participar da construção da opinião pública” (CHARAUDEAU, 2018, p. 21).

Em segundo lugar, as escolas precisam ser um espaço de reflexão sobre o fato de que o ponto de partida de qualquer análise do jornalismo como produção de sentido deve ser a aceitação do jornalismo como uma espécie de óculos sociais e dos jornalistas como seres que dão visibilidade a certas coisas e não outras.

Dessa forma, como ressalta Xavier (2011, p.139)

É preciso organizar o planejamento pedagógico de forma que o aluno possa vivenciar as diferentes modalidades de leitura e produção; ler e escrever para informar-se, estudar, revisar o que produz, para resolver problemas do cotidiano, para divertir-se, enfim, para agir no mundo. Por conseguinte, a leitura e a produção de textos na escola não deve ser algo enfadonho, que bloqueie o processo criativo na expressão do aluno.

Em qualquer disciplina, nas mais diferentes situações de ensino-aprendizagem, professores em geral (não somente os de Língua Portuguesa) podem destacar, por exemplo, que notícias e reportagens são produzidas por meio de uma série de mecanismos inerentes ao próprio processo jornalístico. Na edição de um telejornal ou de um jornal impresso, diversos fatos são selecionados entre muitos outros possíveis e os jornalistas ou as empresas de comunicação são seres com o poder de atribuir maior ou menor importância aos acontecimentos e que estão, em algumas vezes, submetidos a determinadas regras capazes de mediar a relação entre os outros campos sociais e a instância da recepção.

De forma mais específica, professores de Língua Portuguesa, principalmente em aulas para o desenvolvimento das habilidades de leitura, podem desenvolver atividades que favoreçam, particularmente, dois aspectos:

(1) *a identificação da existência dos processos de transação e de transformação*

(2) *o entendimento de que um texto é produzido a partir de um contrato entre os quatro sujeitos envolvidos no ato de linguagem.*



Vejam algumas reflexões e recomendações de natureza semiolinguística, para aulas de Língua Portuguesa no Ensino Médio, a partir de um exemplo utilizado na edição de 2018 do Exame Nacional do Ensino Médio. Destacamos que os comentários aqui apresentados não estão restritos à resolução dessa questão, mas podem ser utilizados para ampliar o conhecimento de estudantes sobre o gênero textual reportagem.

**QUESTÃO 27**

**Mais big do que bang**

A comunidade científica mundial recebeu, na semana passada, a confirmação oficial de uma descoberta sobre a qual se falava com enorme expectativa há alguns meses. Pesquisadores do Centro de Astrofísica Harvard-Smithsonian revelaram ter obtido a mais forte evidência até agora de que o universo em que vivemos começou mesmo pelo Big Bang, mas este não foi explosão, e sim uma súbita expansão de matéria e energia infinitas concentradas em um ponto microscópico que, sem muitas opções semânticas, os cientistas chamam de "singularidade". Essa semente cósmica permaneceu em estado latente e, sem que exista ainda uma explicação definitiva, começou a inchar rapidamente [...]. No intervalo de um piscar de olhos, por exemplo, seria possível, portanto, que ocorressem mais de 10 trilhões de Big Bangs.

ALLEGRETTI, F. Veja, 26 mar. 2014 (adaptado).

No título proposto para esse texto de divulgação científica, ao dissociar os elementos da expressão Big Bang, a autora revela a intenção de

- A** evidenciar a descoberta recente que comprova a explosão de matéria e energia.
- B** resumir os resultados de uma pesquisa que trouxe evidências para a teoria do Big Bang.
- C** sintetizar a ideia de que a teoria da expansão de matéria e energia substituiu a teoria da explosão.
- D** destacar a experiência que confirma uma investigação anterior sobre a teoria de matéria e energia.
- E** condensar a conclusão de que a explosão de matéria e energia ocorre em um ponto microscópico.

Figura 2: Questão 27 do Enem 2018 – 1.º dia – caderno azul. Fonte: MEC/INEP, 2018, p. 12

De acordo com os Microdados<sup>2</sup> do Enem 2018, disponibilizados pelo MEC/INEP, apenas 48% dos estudantes que fizeram a prova azul acertaram essa questão, cujo gabarito oficial é a alternativa C. Esse percentual pode variar em torno de 2% a mais ou a menos, em função da cor da prova realizada<sup>3</sup>.

- 2 Os microdados são o menor nível de detalhamento de dados recolhidos por meio do Exame Nacional do Ensino Médio. O conjunto de informações possibilita diversas análises como os acertos por questão dos candidatos, o desempenho dos participantes de determinada instituição de ensino (pública ou privada), além dos dados presentes nos questionários socioeconômicos respondidos pelos inscritos no Enem.
- 3 Os cadernos de prova do Exame Nacional do Ensino Médio são feitos nas cores azul, rosa, amarelo, branco e cinza. Essa medida é uma forma de evitar fraudes no Enem: as questões e o conteúdo de todas as provas são iguais, a única diferença é a ordem entre as questões.

Diversos fatores podem justificar o fato de apenas 48% dos estudantes terem acertado essa questão como (1) não entender o vocabulário e/ou a estrutura do texto, (2) não entender as diferenças entre as alternativas ou (3) não dispor de tempo para fazer uma leitura mais precisa do texto ou dos itens da questão. Some-se a isso o fato de que, ao lermos uma notícia ou uma reportagem fora do cenário sócio-histórico em que ela foi redigida, a compreensão e a interpretação do texto podem ser prejudicadas, pois os acontecimentos relatados podem não ser (re)conhecidos por um sujeito interpretante do momento atual. No exemplo em análise, o texto foi publicado em 2014, na Revista Veja, e o fragmento da reportagem foi apresentado aos estudantes na edição 2018 do Enem.

Uma recomendação inicial para as práticas em sala de aula é a pesquisa e a leitura da versão integral do texto, a fim de que os estudantes saibam, por exemplo, que o texto foi escrito pela jornalista Fernanda Allegreti, que ocupou 3 páginas na versão impressa da revista Veja. Isso fará com que tenham uma visão mais ampla do formato do gênero reportagem: conteúdo temático, aspectos estilísticos e construção composicional e função social. Depois, essa ação pode ser ampliada com uma atividade em que os estudantes sejam incentivados a ampliar o vocabulário com investigação sobre o significado de palavras mais formais ou mais específicas, como jargões da linguagem científica.

Também é importante, nessa etapa, fazer algumas reflexões de natureza semiolinguística sobre o discurso midiático e algumas especificidades de gêneros textuais informativos, os quais devem ser analisados numa tensão entre duas instâncias, segundo Charaudeau (2018, p. 86):

uma visada de saber fazer, ou visada de informação propriamente dita, que tende a produzir um objeto de saber segundo uma lógica cívica: informar o cidadão”; uma visada de fazer sentir, ou visada de captação, que tende a produzir um objeto de consumo segundo uma lógica comercial: captar as massas para sobreviver à concorrência.

Reportagens, notícias, notas e outros gêneros jornalísticos informativos, em sua estrutura, são regidos pela visada de informação, pois a

finalidade desses gêneros consiste em tornar público o que aconteceu ou o que está acontecendo no mundo da vida social. Charaudeau (2018, p.87) acrescenta que a instância midiática tenta realizar essa visada através de duas atividades linguageiras: “a descrição-narração, para reportar os fatos do mundo; e a explicação, para esclarecer o destinatário da informação sobre as causas e as consequências do surgimento desses fatos. ”. Ao texto jornalístico cabe descrever os fatos de maneira verossímil, sugerindo as causas e justificando as explicações dadas, tentando fazer o leitor crer que o relato corresponde à reconstituição mais provável dos acontecimentos.

Outro aspecto relevante é que “todo ato de comunicação se realiza num determinado ambiente físico que impõe restrições para a realização desse ato” (CHARAUDEAU, 2018, p.104). De fato, reportagens estão presentes em telejornais ou noticiários radiofônicos, mas o exemplo utilizado para análise neste artigo, por ter sido publicado em uma revista impressa, é um produto essencialmente escrito, que privilegia o poder da linguagem verbal. Embora construída discursivamente com apoio de outros recursos como gráficos, cores e imagens fotográficas, ela foi disponibilizada em um suporte de papel. É, principalmente, por meio de palavras, que a reportagem faz prevalecer o “dizer o que aconteceu”, tentando fazer o leitor crer que o relato corresponde à reconstituição mais provável dos acontecimentos.

Pode-se acrescentar ainda que textos jornalísticos publicados em suporte impresso representam uma tradição escrita que se caracteriza essencialmente por

uma relação distanciada entre aquele que escreve e aquele que lê, a ausência física da instância de emissão para com a instância da recepção; uma atividade de conceitualização da parte das duas instâncias para representar o mundo, o que produz lógicas de compreensão específicas. (CHARAUDEAU, 2018, p. 113)

Assim, ficará claro, para estudantes, que as reportagens impressas são gêneros textuais em que não há a influência de aspectos como a instantaneidade, não há a coincidência entre o tempo do acontecimento e o

tempo de publicação: existe uma etapa de pesquisa e apuração sobre o fato, a escrita e a revisão do texto, o tempo de impressão e de entrega dos jornais e revistas a um ponto de distribuição e, finalmente, o tempo de leitura.

Feitas essas reflexões, uma outra abordagem é apresentar aos estudantes a seguinte convicção de Charaudeau (2016, p. 31): “toda interpretação é uma suposição de intenção”, não só do ponto de vista do sujeito comunicante ou do sujeito interpretante, mas dos possíveis interpretantes que surgem (ou se cristalizam) no ponto de encontro dos dois processos: de produção e de interpretação. Nessa perspectiva, um sujeito, quando interpreta, é alguém que cria hipóteses sobre o saber do sujeito que enuncia, sobre o ponto de vista deste último em relação ao dito no texto e também sobre os pontos de vista do autor em relação aos leitores da notícia, da reportagem ou outros gêneros jornalísticos e midiáticos.

Estudantes, diante de questões como a que estamos analisando, devem agir como um sujeito interpretante, que, para alcançar níveis mais profundos de leitura e, para entender o mundo ressignificado, precisa identificar o sentido das palavras e suas regras de combinação, além de buscar o sentido social dessas palavras, o que o conduzirá à intencionalidade do sujeito comunicante. (GOUVEA; PAULIUKONIS; MONNERAT, 2017). É importante que o estudante, ao se deparar com uma questão objetiva, assuma uma posição de coletor de pontos de vista interpretativo e, por meio da comparação, extraia constantes e variáveis do processo analisado.

Nessa questão, o gabarito oficial é a alternativa C: de fato, o título utilizado na reportagem revela a intenção da autora de “sintetizar a ideia de que a teoria da expansão de matéria e energia substitui a teoria da explosão”. Isso fica mais nítido quando se faz uma inferência sobre a intencionalidade da jornalista que escreveu a reportagem e uma análise das estratégias linguísticas e discursivas utilizadas por ela.

A sentença “Mais big do que bang” estabelece comparação entre dois termos: “big” e “bang”, colocando o primeiro termo em superioridade ao segundo. O texto, por sua vez, apresenta uma informação científica coerente

com a proposta do título: diz a reportagem que o início do universo em que vivemos não decorreu de uma explosão (“bang”), mas sim da expansão de matéria e energia infinitas (“big”) concentradas em um ponto microscópico. Assim, por meio de um jogo de palavras, o título sintetiza a ideia apresentada no texto de que a mais completa explicação para o surgimento do universo envolveu algo maior do que uma explosão.

Em relação ao processo de semiotização do mundo, este exemplo extraído do Enem 2018, permite que professores possam identificar, inicialmente, a existência de uma jornalista (sujeito comunicante) que seleciona elementos de um “mundo a significar”, lugar onde se encontra o “acontecimento bruto”, e os converte em um “mundo significado”. Também podem refletir com os estudantes que, na instância do dizer, há uma autora, sujeito enunciador, que é, nesse caso, um desdobramento da própria jornalista. Ela dá existência a seres (usa expressões como “Comunidade científica mundial” e “Pesquisadores do Centro de Astrofísica Harvard-Smithsonian”), não diz seus nomes, mas expõe a atividade profissional dos entrevistados, indica onde e quando os fatos aconteceram. Além dos atos de nomear e localizar-situar, há o componente qualificar (explícito graças ao uso da expressão “mais forte evidência”), que permite ao sujeito comunicante atribuir um sentido particular a um ser nomeado, de maneira mais ou menos objetiva.

Uma reportagem é um objeto de tratamento discursivo desenvolvido a partir de fatos e depoimentos. Nesse fragmento em análise, não há o uso das citações diretas dos entrevistados, por isso é pela narrativa jornalística (com analogias e comparações, como mostram os trechos em negrito, a seguir) que a autora tenta dizer o que motivou a pesquisa, quais foram as intenções dos cientistas, as circunstâncias que tornaram possíveis os acontecimentos apresentados no texto.

Pesquisadores do Centro de Astrofísica Harvard-Smithsonian **revelaram** ter obtido a mais forte evidência até agora de que o universo em que vivemos começou mesmo pelo Big Bang, mas este não foi explosão, e

sim uma súbita expansão de matéria e energia infinitas concentradas em um ponto microscópico que, sem muitas opções semânticas, os cientistas chamam de “singularidade”. **Essa semente cósmica** permanecia em estado latente e, sem que exista ainda uma explicação definitiva, começou a inchar rapidamente [...]. **No intervalo de um piscar de olhos**, por exemplo, seria possível, portanto, que ocorressem mais de 10 trilhões de Big Bangs.

Com essas escolhas linguísticas, a jornalista se apresenta como uma testemunha esclarecida, que faz circular entre os sujeitos “um objeto de saber que, em princípio, um possui e outro não, estando um deles encarregado de transmitir e o outro de receber, compreender, interpretar, sofrendo ao mesmo tempo uma modificação com relação a seu estado inicial de conhecimento” (CHARAUDEAU, 2018, p. 41)

Em relação aos sujeitos do ato de linguagem, é importante que professores e estudantes percebam como a autora da reportagem constrói um leitor ideal, que corresponde ao sujeito destinatário (TUd), com quem ela compartilha as informações e as opiniões. Há, entretanto, inúmeros outros leitores (incluindo estudantes inscritos numa situação de vestibular) que entrarão em contato com aquele texto e todas eles correspondem ao sujeito interpretante (TU<sub>i</sub>), que “constroem interpretações em função de suas experiências pessoais, isto é, de suas próprias práticas significantes” (CHARAUDEAU, 2016, p. 47).

Do mesmo modo, é necessário acrescentar que todo ato de linguagem permite o uso de diversas estratégias para o sujeito comunicante e propicia também a identificação de diversas possibilidades interpretativas para o sujeito interpretante. Isso justifica, por exemplo, porque o título da reportagem “Mais big do que bang” pode ser interpretado como algo informativo, crítico ou irônico. Além disso, também é preciso lembrar que o sujeito comunicante depende do conhecimento que o sujeito interpretante tem dele e, como um mesmo ato de linguagem pode ser interpretado por diferentes TU<sub>i</sub>, o EU<sub>c</sub> pode ser conhecido de diferentes maneiras.

Por fim, as reflexões apresentadas sobre o gênero reportagem e sobre esse exemplo, obviamente, não esgotam as possibilidades de atividades de ensino de leitura. É sempre valioso que professores e, principalmente, estudantes, diante de textos jornalístico-midiáticos, desenvolvam outros questionamentos como estes:

- a) Quais foram as condições situacionais em que essa reportagem foi produzida?*
- b) Além do procedimento presente no título, que outros procedimentos linguísticos e discursivos foram utilizados pela autora da reportagem, para obter a adesão de um leitor idealizado?*
- c) Essa reportagem, no que se refere ao processo de construção do real, segue um padrão utilizado em outras reportagens voltadas para a pauta ciência?*

Dessa forma, as práticas de ensino de leitura buscarão não apenas o que está explícito no texto, mas também propiciarão uma análise de como o texto diz e por que diz o que diz de uma determinada forma.

## **Considerações finais**

A partir das reflexões e recomendações apresentadas neste artigo, reforça-se uma hipótese que sustenta essa pesquisa: a proposta da Teoria Semiolinguística do Discurso tem o potencial de formar leitores mais proficientes, além de desenvolver a autonomia e o pensamento crítico em estudantes do Ensino Médio, para que eles se situem em relação aos interesses e posicionamentos distintos do discurso midiático que circula nas mais variadas esferas social e pessoal.

As práticas de ensino relacionadas a textos devem ir além da concepção tradicional do ato de comunicação (emissor – mensagem – receptor) e a leitura deve ser vista como a compreensão e a interpretação dos textos em função do projeto de influência e da ação de um determinado sujeito enunciativo sobre outrem em um contexto situacional específico.

Para confirmar os encaminhamentos aqui apresentados, certamente, é necessário, avaliar as práticas docentes em relação ao ensino de língua portuguesa, avaliar material didático consumido em escolas públicas e privadas, e produzir alternativas mais concretas (como sugestões de atividades, em sequências didáticas) que se constituam em opções mais concretas para os docentes. Isso fará com que tenhamos professores multiplicadores desse conhecimento, capazes de formar estudantes com as habilidades e as competências necessárias para entender o papel da mídia e utilizar as ferramentas de comunicação para articular processos de mudança e desenvolvimento social.

## Referências

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Saeb2017 revela que apenas 1,6% dos estudantes brasileiros do Ensino Médio demonstraram níveis de aprendizagem considerados adequados em Língua Portuguesa.** Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/saeb-2017-revela-que- apenas-1-6-dos-estudantes-brasileiros-do-ensino-medio-demonstraram-niveis-de-aprendizagem-considerados-adequados-em-lingua-portug/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/saeb-2017-revela-que- apenas-1-6-dos-estudantes-brasileiros-do-ensino-medio-demonstraram-niveis-de-aprendizagem-considerados-adequados-em-lingua-portug/21206). Publicado em 30 de agosto de 2018. Acesso em: 01 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Pisa 2018 revela baixo desempenho escolar em leitura, matemática e ciências no Brasil** Disponível em: [http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset\\_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206](http://portal.inep.gov.br/artigo/-/asset_publisher/B4AQV9zFY7Bv/content/pisa-2018-revela-baixo-desempenho-escolar-em-leitura-matematica-e-ciencias-no-brasil/21206). Publicado em 03 de dezembro de 2019. Acesso em: 01 jun. 2020.

BORDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

CARDOSO, Sílvia Helena Barbi. **Discurso e Ensino.** Belo Horizonte: Autêntica, 2005.



CERVO, Amado L; BERVIAN, Pedro A. e SILVA, Roberto da. **Metodologia Científica**. São Paulo: Pearson, 2006.

CHARAUDEAU, Patrick. Les conditions de compréhension du sens de discours en Langage en FLE Texte et compréhension, **Revue ICI et LÀ**, Madrid, Soc. General Española de Librería, 1994. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Les-conditions-de-comprehension-du,62.html>. Acesso em: 10 dez. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. Para uma nova análise do discurso. In: CARNEIRO, Agostinho Dias. **O Discurso da Mídia**. Rio de Janeiro: Oficina do Autor, 1996.

CHARAUDEAU, Patrick. Análise do discurso, controvérsias e perspectivas. In: MARI H. et alii (dir.). **Fundamentos e dimensões da análise do discurso**. Belo Horizonte: Fale-UFMG, Carol Borges: 1999. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Analise-do-discurso-controversias.html>. Acesso em: 15 jul. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma Teoria dos Sujeitos da Linguagem. In: MARI, Hugo; MACHADO, Ida; MELLO, Renato de (orgs.). **Análise do Discurso: Fundamentos e Práticas**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2001.

CHARAUDEAU, Patrick. De la competencia social de comunicación a las competencias discursivas. **Revista latinoamericana de estudios del discurso**, vol. (1), editorial Latina, Venezuela, 2001. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/De-la-competencia-social-de.html>. Acesso em: 10 jul. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARAUDEAU, Patrick. Uma análise semiolinguística do texto e do discurso. In: PAULIUKONIS, M. A. L. e GAVAZZI, S. (Orgs.) **Da língua ao discurso: reflexões para o ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Uma-analise-semiolinguistica-do.html>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. Um modelo sócio-comunicacional do discurso: entre situação de comunicação e estratégias de individualização. In: STAFUZZA, Grenissa e DE PAULA, Luciane (org.) **Da análise do discurso no Brasil à análise do discurso do Brasil**, Edufu, Uberlândia, 2010. Disponível em: <http://www.patrick-charaudeau.com/Um-modelo-socio-comunicacional-do.html>. Acesso em: 18 dez. 2020.

CHARAUDEAU, Patrick. **Linguagem e Discurso: modos de organização**. São Paulo: Contexto, 2016

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. São Paulo: Contexto, 2018.

CHARAUDEAU, Patrick. Compréhension et interpretation: interrogations autour de deux modes d'appréhension du sens dans les sciences du langage In: ACHARD-BAYLE, G; GUÉRIN, M; KLEIBER; G.; KRYLYCHIN, M. (orgs.). **Les sciences du langage et la question de l'interprétation (aujourd'hui)**. Limoges, Les Éditions Lambert-Lucas: 2018. p. 21-55. Disponível em português em: <https://ciadrj.letras.ufrj.br/2019/11/21/novo-artigo-de-patrick-charaudeau-traduzido>. Acesso em: 17 abr. 2020.

FERES, Beatriz dos Santos. **Leitura, Fruição e Ensino com os meninos do Ziraldo**. Niterói: EdUFF, 2011.

FERES, Beatriz dos Santos. A escola faz questão de leitores autônomos ou autômatos? **Ecos de linguagem**, v. 3, p. 1-19, 2014. Disponível em: [https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos\\_ecos/ecos3\\_1a19.pdf](https://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_ecos/ecos3_1a19.pdf). Acesso em: 7 nov. 2020.

FERES, Beatriz dos Santos. MONNERAT, Rosane Santos Mauro. **Análises de um mundo significado**: a visão semiolinguística do discurso. Niterói: EdUFF, 2017.

FIORIN, José Luiz. Linguística e Pedagogia da leitura. **Scripta**, 8(14), 2004, 107-117. Disponível em <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/12547>. Acesso em: 15 dez. 2020.

GOUVEA, Lucia Helena; PAULIUKONIS, Aparecida Lino; MONNERAT, Rosane. Texto, Cotexto e Contexto: processos de apreensão da realidade. In: MARQUESI, Sueli Cristina; ELIAS, Vanda Maria; PAULIUKONIS, Aparecida Lino. **Linguística textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017.

MEC / INEP. ENEM 2018. Prova de linguagens, códigos e suas tecnologias e redação. Prova de ciências humanas e suas tecnologias. 2018. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/provas-e-gabaritos>. Acesso em: 10 jan. 2020.

MEC / INEP. Microdados Enem. Disponível em: <https://www.gov.br/inep/pt-br/aceso-a-informacao/dados-abertos/microdados/enem>. Acesso em: 17 jun. 2021

MONNERAT, Rosane S.M.; FERES Beatriz dos Santos; RIBEIRO, Patrícia Ferreira Neves. (orgs.) **Leitura, fruição e ensino**: a formação do leitor em debate. Niterói: SSP Gráfica Editora, 2017.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino; GOUVÊA, Lúcia Helena Martins. Texto como discurso: uma visão semiolinguística. **Revista Desenredo**, volume 8, número 1, 2012. Disponível em <http://seer.upf.br/index.php/rd/article/view/2638>. Acesso em: 11 nov. 2020.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino, *et al.* A enunciação enunciada: reflexões sobre interfaces entre linguística do texto e semiolinguística do discurso. In: **Revista (Con) Textos linguísticos**. v.13, n.25, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/26117>. Acesso em: 10 ago. 2020.

PAULIUKONIS, Maria Aparecida Lino. Maria Aparecida Lino Pauliukonis entrevista Patrick Charaudeau. **Revista Matruga**, Rio de Janeiro, v.27, n.50, p.487-495, mai./ago. 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matruga/article/view/51171>. Acesso em: 13 jan. 2021.

RAMALHO, Viviane. Ensino de língua materna e Análise de Discurso Crítica. **Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso**. São Paulo, v. 7, n. 1, p. 178-198, junho de 2012. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-45732012000100011&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-45732012000100011&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 02 dez. 2018.

SANTOS, Leonor Werneck dos e NASCIMENTO, Sylvia Jussara S. do. Abordagem dos Gêneros Textuais pelo Enem. In: MARCUSCHI, Beth e LUNA, Tatiana Simões. **Avaliação de língua portuguesa no novo Enem**. Jundiaí: UniAnchieta, 2017. Disponível em: <http://www.portal.anchieta.br/anexos/livro-avaliacao-lingua-portuguesa-novo-enem.pdf>. Data de acesso: 4 jan. 2020.

VIEGAS, Ilana da Silva Rebello. Leitura e interpretação na sala de aula: formamos leitores ou ledores? **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, v. XIII, p. 692-703, 2009, Disponível em: [http://www.pglettras.uerj.br/linguistica/textos/livro07/LTAA7\\_a07.pdf](http://www.pglettras.uerj.br/linguistica/textos/livro07/LTAA7_a07.pdf). Acesso em: 10 nov. 2020.

IEGAS, Ilana da Silva Rebello. Conteúdos de interpretar em sequências didáticas: uma proposta de ensino. **e-escrita** Revista do Curso de Letras da UNIABEU Nilópolis, v.4, Número 2, Especial, 2013. Disponível em: [https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/793/pdf\\_389](https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/RE/article/view/793/pdf_389). Acesso em: 10 nov. 2020.

VIEGAS, Ilana da Silva Rebello. Ensinar a ler para além do visível: do sentido de língua ao sentido de discurso. **Cadernos de Letras da UFF**, v. 26, n. 52, 9 jul. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/cadernosdeletras/article/view/43480/24825>. Acesso em: 10 nov. 2020

VOESE, Ingo. **Análise do Discurso e o ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo: Cortez, 2004.

XAVIER, Glayci Kelli Reis da Silva. **Charaudeau na sala de aula: argumentação e publicidade nas séries iniciais**. Dissertação de Mestrado - Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. 2011. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/8502>. Acesso em: 7 nov. 2020

XAVIER, Glayci; REBELLO, Ilana da Silva; MONNERAT, Rosane (org.). **Semiolinguística Aplicada ao Ensino**. São Paulo: Contexto, 2021.